CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO CEARÁ
FACULDADES CEARENSES
CURSO DE JORNALISMO

HARIÁDINA SALVEANO DE SOUSA

A ABORDAGEM DA QUESTÃO INDÍGENA NO JORNAL IMPRESSO: ETNIA PITAGUARY NO JORNAL O POVO

FORTALEZA – CE
2009

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO CEARÁ
FACULDADES CEARENSES
CURSO DE JORNALISMO

A ABORDAGEM DA QUESTÃO INDÍGENA NO JORNAL IMPRESSO: ETNIA PITAGUARY NO JORNAL O POVO

FORTALEZA – CE
2009

HARIADINA SALVEANO DE SOUSA

A ABORDAGEM DA QUESTÃO INDÍGENA NO JORNAL IMPRESSO: ETNIA PITAGUARY NO JORNAL O POVO

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo às Faculdade Cearenses sob orientação do professor Ms. Henrique Pereira Rocha.

FORTALEZA – CE
2009

Dedico esta monografia a duas mulheres importantes em minha vida, minha mãe, Francisca Salveano, que sempre foi e é minha maior incentivadora e inspiração de vida. Dra. Auxiliadora Mota Gadelha Vieira, que nunca permitiu que meus sonhos morressem.

Agradecimentos: Ao povo Pitaguary que foi acolhedor e permitiu realizar esta pesquisa. Aos amigos, sempre incentivadores. Ao Luis Netto, que me proporcionou suporte para concretização desse trabalho e com seu amor compreendeu os momentos de ausência. Ao meu orientador Henrique Pereira Rocha, que aceitou o desafio e não mediu esforços para realização dessa pesquisa.

Quem deu esse nó não souber dar
Quem deu esse nó não soube dar
Esse nó tá dado e eu desato já
Esse nó tá dado e eu desato já
Ô desenrola essa corrente, deixa o índio trabalhar

Toré cantado pelo povo Pitguary

RESUMO

O presente trabalho analisa as matérias publicadas no jornal O Povo no ano de 2008 que abordam as questões indígenas e faz um apanhado quantitativo destas matérias, além de buscar o depoimento dos índios Pitaguary, para uma reflexão de como eles se sentem retratados na mídia impressa. A metodologia desse trabalho utilizou-se de pesquisa documental, coleta de material no banco de dados do jornal, fundamentação teórica e entrevistas com representantes dos índios da aldeia Pitaguary. O primeiro capítulo procura relatar a história dos povos indígenas no Ceará, contando como aconteceram os embates e guerras da luta pela terra e o conseqüente aculturamento trazido pelo homem branco. O segundo capítulo apresenta um resgate histórico da mídia impressa no Ceará, dos jornais mais importantes, interligando-se com os conceitos de jornalismo, notícia e critérios de noticiabilidade com as questões indígenas. O terceiro capítulo é dedicado à apresentação de gráficos, dados e descrição das matérias veiculadas no jornal O Povo durante o ano de 2008, e entrevistas com representantes do povo Pitaguary, com a interpretação do material coletado.

Palavras-chave: Jornalismo; Questão Indígena; Pitaguary.

ABSTRACT

This paper analyzes the articles published in The People newspaper in 2008 that address indigenous issues and provides an overview of these quantitative issues, and seek the testimony of the Indians Pitaguary to a reflection of how they feel portrayed in print. The methodology of this study was used for documentary research, material collection in the database of the paper, theoretical and interviews with representatives from the village Pitaguary. The first chapter attempts to relate the story of indigenous peoples in Ceará, counting took place as the conflicts and wars in the struggle for land and the consequent acculturation brought by the white man. The second chapter presents a historical review of print media in Ceará, the most important newspapers, linking up with the concepts of journalism, news and newsworthiness criteria with indigenous issues. The third chapter is devoted to the presentation graphics, data and description of articles published in The People newspaper during 2008, and interviews with representatives of the people Pitaguary with the interpretation of the collected material.

Key-words: Journalism; Indigenous Question; Pitaguary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
1 POVO INDÍGENA DO CEARÁ: UM BREVE APANHADO HISTÓRICO 14
1.1 Índios do Ceará: no início 14
1.2 O povo Pitaguary – sua história 18
1.3 Estruturação e organização do povo Pitaguary 21
1.3.1 Crenças, danças e terra como lugar sagrado..... 24
1.3.2 Escola Diferenciada – educação do povo Pitaguary 27
1.4 As questões indígenas e a mídia impressa 28

2 A MÍDIA IMPRESSA E A QUESTÃO INDÍGENA: ABORDAGEM METODOLÓGICA..... 30
2.1 Jornalismo no Ceará..... 30
2.2 Notícia como matéria-prima do jornalismo..... 31
2.3 Características da notícia..... 32
2.4 A metodologia da pesquisa e as matérias do jornal O Povo..... 33

3 COLETA E DESCRIÇÃO DAS MATÉRIAS DO JORNAL O POVO 37
3.1 Matérias publicadas 37
3.1.1 Edição de 9 de janeiro de 2008..... 37
3.1.2 Edição de 17 de fevereiro de 2008..... 38
3.1.3 Edição de 06 de março de 2008..... 38
3.1.4 Edição de 12 de março de 2008..... 38

3.1.5 Edição de 12 de março de 2008 38
3.1.6 Edição de 11 de abril de 2008 39
3.1.7 Edição de 17 de abril de 2008 39
3.1.8 Edição de 18 de abril de 2008 39
3.1.9 Edição de 19 de abril de 2008 39
3.1.10 Edição de 20 de abril de 2008 40
3.1.11 Edição de 11 de maio de 2008 40
3.1.12 Edição de 15 de maio de 2008 40
3.1.13 Edição de 22 de maio de 2008 41
3.1.14 Edição de 24 de maio de 2008 41
3.1.15 Edição de 25 de maio de 2008 41
3.1.16 Edição de 29 de maio de 2008 41
3.1.17 Edição de 03 de junho de 2008 42
3.1.18 Edição de 07 de junho de 2008 42
3.1.19 Edição de 11 de junho de 2008 42
3.1.20 Edição de 26 de junho de 2008 43
3.1.21 Edição de 26 de julho de 2008 44
3.1.22 Edição de 22 de agosto de 2008 44
3.1.23 Edição de 31 de agosto de 2008 45
3.1.24 Edição de 4 de setembro de 2008 45
3.1.25 Edição de 21 de setembro de 2008 45
3.1.26 Edição de 27 de setembro de 2008 46
3.1.27 Edição de 15 de outubro de 2008 46
3.1.28 Edição de 19 de outubro de 2008 47
3.1.29 Edição de 30 de outubro de 2008 47
3.2 Apresentação em gráficos 47
3.3 Interpretação dos dados 49
3.4 Como os índios Pitaguary se reconhecem nas notícias do Jornal O Povo 50
3.5 Interpretação das entrevistas 53

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 55
ANEXOS 59

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Quantitativo dos índios no Estado do Ceará 16

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Terras Indígenas do Ceará 17
Figura 2: Mapa oficial da terra Pitaguary 20
Figura 3: Mapa falado confeccionado pelo povo Pitaguary 21
Figura 4: Reprodução fac-simile da foto da página 11, da edição de 26 de junho de 2008 do jornal O Povo 44
Figura 5: Reprodução fac-símile do Box da página 16, da Edição de 21 de setembro de 2008 do jornal O Povo 46
Figura 6: Distribuição das matérias por sessão/editorias 48
Figura 7: Distribuição das matérias por assunto 49

INTRODUÇÃO

Abordar a questão das etnias indígenas do Ceará, em especial a etnia Pitaguary é uma mescla de desafio e fascínio. Desafio no tocante da pesquisa histórica desse povo tão rico, mas que não estão devidamente retratados e por esse motivo sem muitas literaturas especializadas a respeito dessa etnia. Em um segundo momento fascínio, de poder contar uma pequena parte da trajetória do povo Pitaguary na luta pela terra, pelos seus direitos e mostrar a abordagem da temática indígena pelo jornal impresso no Ceará.

E para realizar esses esclarecimentos esta pesquisa esta dividida em três capítulos que estão conectados, que tem suas especificidades. No primeiro capítulo procura relatar a história do povo indígenas no Ceará, contando como aconteceu os embates e guerras da luta pela terra e pelo aculturamento trazida pelo homem branco. Além de falar dos índios Pitaguary, onde as quatro aldeias situam-se, entre os municípios cearenses de Maracanaú, Maranguape e Pacatuba, como estão organizadas politicamente, como estão estruturadas, como é feito o resgate da cultura no que diz respeito as crenças, danças, lugares e rituais sagrados.

O segundo capítulo apresenta um resgate histórico da mídia impressa no Ceará, dos jornais mais importantes em interligação com o conceito de jornalismo, notícia, critérios de noticiabilidade com as questões indígenas. O terceiro capitulo é dedicado à apresentação de gráficos, dados e descrição das matérias veiculadas no jornal O Povo durante o ano de 2008. Além de trazer entrevistas com índios da aldeia Pitaguary, que através de um questionário numa pequena entrevista expuseram suas impressões sobre a impressa e como são retratados.

Para realizar a pesquisa foi feita coleta de todas as matérias, diretamente no banco de dados do jornal e publicas por eles durante o ano de 2008. Também foram realizadas entrevistas com índios da aldeia e visitas as aldeias durante a pesquisa. O trabalho de campo foi fundamental, pois possibilitou ouvi-los pessoalmente, ouvir, suas músicas, suas histórias de resistência e luta pelo resgate de sua cultura.

Ao relatar a história deste povo, sua organização e suas lutas pela garantia constitucional de seus direitos e por políticas públicas, também buscamos esclarecer como eles são retratados pela mídia impressa. Já que em muitas das notícias encontradas durante a pesquisa percebe-se uma carência de material jornalístico sobre as questões indígenas.

1 POVO INDÍGENA DO CEARÁ: UM BREVE APANHADO HISTÓRICO

Este capítulo observa a trajetória do índio do Brasil, passando pela chegada dos europeus em solo brasileiro e fazendo um relato de como se construiu a relação entre índio e “homem branco” até o deslocamento de algumas etnias para o Nordeste, além das já existentes na região.

Procuramos destacar neste tópico, um apanhado histórico do povo Pitaguary, como eles chegaram às terras onde estão hoje, como é sua comunidade e quais seus costumes, como forma de delinear nosso objeto de estudo, a Aldeia Pitaguary e sua representação no jornal O Povo.

1.1 Índios do Ceará: no início

Desde a chegada dos Portugueses às terras do novo mundo, datada de 1500, as etnias indígenas vêm lutando contra a escravidão, degradação de sua terra, aculturação e morte pelo “homem branco” caracterizado pelo colonizador europeu. Os índios disputavam os melhores lugares da costa atlântica e mudavam constantemente de lugar, assim comenta Darcy Ribeiro (1995). Isso, até a vinda dos estrangeiros para o País na segunda metade do século XVI, que os expulsaram de suas terras, muitos morreram por doenças trazidas pelos invasores e restou como opção a fuga, a morte ou a escravidão. Além disso, quase foram extintos, sua terra tomada e ainda hoje lutam por uma demarcação justa pela terra que os pertence de direito.

No Nordeste, as etnias indígenas foram dividas em aldeia, isso para enfraquecer a estrutura sociocultural e não se sabe ao certo a quantidade de grupos indígenas existentes no Brasil e nem no Ceará naquela época.

> Em 1603, quando Pero Coelho atingiu a Ibiapaba, encontrou 70 aldeias indígenas. Com base nisso o historiador Thomas Pompeu Sobrinho conjecturou a existência somente ali de 60 mil pessoas. (...) Martim Soares Moreno, por sua vez, afirmava que nas proximidades do forte de São Sebastião, em 70 léguas ao redor, existiam 22 nações de tapuias, com

> diferentes línguas, o que levou o já citado Pompeu Sobrinho a estimar em 150 mil, no mínimo, os indígenas na área. (FARIAS, 2007, p. 37)

Ainda segundo Farias, “os povos indígenas chegavam a apresentar várias denominações, dando a ideia de uma falsa pluralidade. [...] Como exemplo os Caratius ou Crateús”. (2007, p.39). Depois de muitos confrontos entre as etnias indígenas contra o processo de ocupação colonial,

> Um dos grandes exemplos de resistência indígena no Brasil foi a “Guerra dos Bárbaros”, na qual nativos do Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí uniram-se numa aliança para enfrentar os invasores. Tal guerra durou quase 50 anos, indo das últimas décadas do século XVII à segunda década do século seguinte. Por pouco os nativos não destruíram os fundamentos da colonização portuguesa. (2007, p.43)

E assim os aldeamentos[1] fizeram com que muitas etnias se “misturassem”, provocando um processo de miscigenação entre as etnias indígenas retidas em um mesmo espaço de convivência e muitos negavam sua própria origem para garantir a unidade. Mesmo com a resistência do povo indígena, eles não conseguiram resistir às pestes, doenças da civilização.

> Como se vê, a população original do Brasil foi drasticamente reduzida por um genocídio de projeções espantosas, que se deu através da guerra de extermínio, do desgaste no trabalho escravo e da violência das novas enfermidades que os acharam. A ele se seguiu um etnocídio igualmente dizimador, que atuou através da desmoralização pela catequese; da pressão dos fazendeiros que iam se apropriando de suas terras; do fracasso de suas próprias tentativas de encontrar um lugar e um papel no mundo dos “brancos”. (RIBEIRO, 1995, p.144)

Em 1800, a população do território chega a um montante de 5 milhões de índios, mas ainda segundo Darcy Ribeiro (1995) essa população já traz consigo uma “mistura” de raças das matrizes étnicas (branco, índio e negro), sendo em sua maioria parda e falando principalmente a língua portuguesa como língua materna.

Após a Proclamação da República em 1888, com a organização do país numa República Federativa, vários setores da sociedade passaram a ter departamentos estaduais voltados para o índio e seu acompanhamento ou supervisão. Com objetivo de proteger o índio e assegurar uma melhor distribuição da terra, foi criado, pelo Decreto-Lei nº 8.072, de 20 de junho de 1910, o Serviço de

---

[1] Forma de organização orientado pelo Estado ou pela igreja para catequese. Os aldeamentos eliminavam a identidade tribal dos indígenas. Foram poucos os povos, os quais, tentaram escapar a essa eliminação.

Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, mais tarde apenas Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Sua criação tirou a hegemonia da igreja no que diz respeito à assistência do índio e estabeleceu uma nova visão política para as questões indígenas.

Em 5 de dezembro de 1967, por meio da Lei no 5.371 foi criada a Fundação Nacional do Índio (Funai) em substituição a SPI que foi extinta no mesmo ano. A Funai tem por objetivo, de acordo com a lei, estabelecer políticas públicas e fiscalizar essas políticas voltadas para o povo indígena. A Fundação também tem como finalidade a integração e valorização da cultura do índio. No ano de 1973, a Lei nº 6.001, também conhecida como "Estatuto do Índio" estabelece procedimento a serem tomados pela Funai, como a demarcação, apropriação e regulamentação da propriedade sobre a terra.

Em 2004, eram 45 povos indígenas reconhecidos pela Fundação Nacional do Índio (Funai) em todo o Nordeste, totalizando aproximadamente 14.160 índios. A tabela a seguir mostra a distribuição dos povos indígenas existentes no Ceará:

POVOS	POPULAÇÃO	ÁREA	MUNICÍPIO
Tapeba	5.500	4.658 ha	Caucaia
Tremembé de Almofala	1.700	4.900 ha	Almofala, Patos e Itarema
Tremembé Córrego João Pereira	350	3.140 ha	Itarema e Acaraú
Tremembé de São José/Buriti	1.000	4.800 ha	Itapipoca
Tremembé de Queimadas	300	-	Acaraú
Jenipapo-Kanindé	260	1.640 ha	Aquiraz
Pitaguary	1.700	1.735 ha	Maracanaú e Pacatuba
Kanindé	1.000	750 ha	Aratuba e Canindé
Kalabaça	720	-	Crateús, Poranga e Ipaporanga
Potiguara	670	-	Crateús e Monsenhor Tabosa
Tupinambá	-	-	Crateús e Monsenhor Tabosa
Kariri	-	-	Crateús e Monsenhor Tabosa
Tabajara	960	-	Crateús, Poranga e Monsenhor Tabosa

Tabela 1: Quantitativo dos índios no Estado do Ceará. Fonte: FUNAI, 2004.

A população Pitaguary, segundo dados da Funai em 2007 são 4.185 pessoas vivendo dentro da terra indígena e aproximadamente 650 nos arredores, na

mesma quantidade de hectares. No mapa seguinte são mostradas a localização das Terras Indígenas do Ceará e o Povo Indígena residente, para melhor visualização.

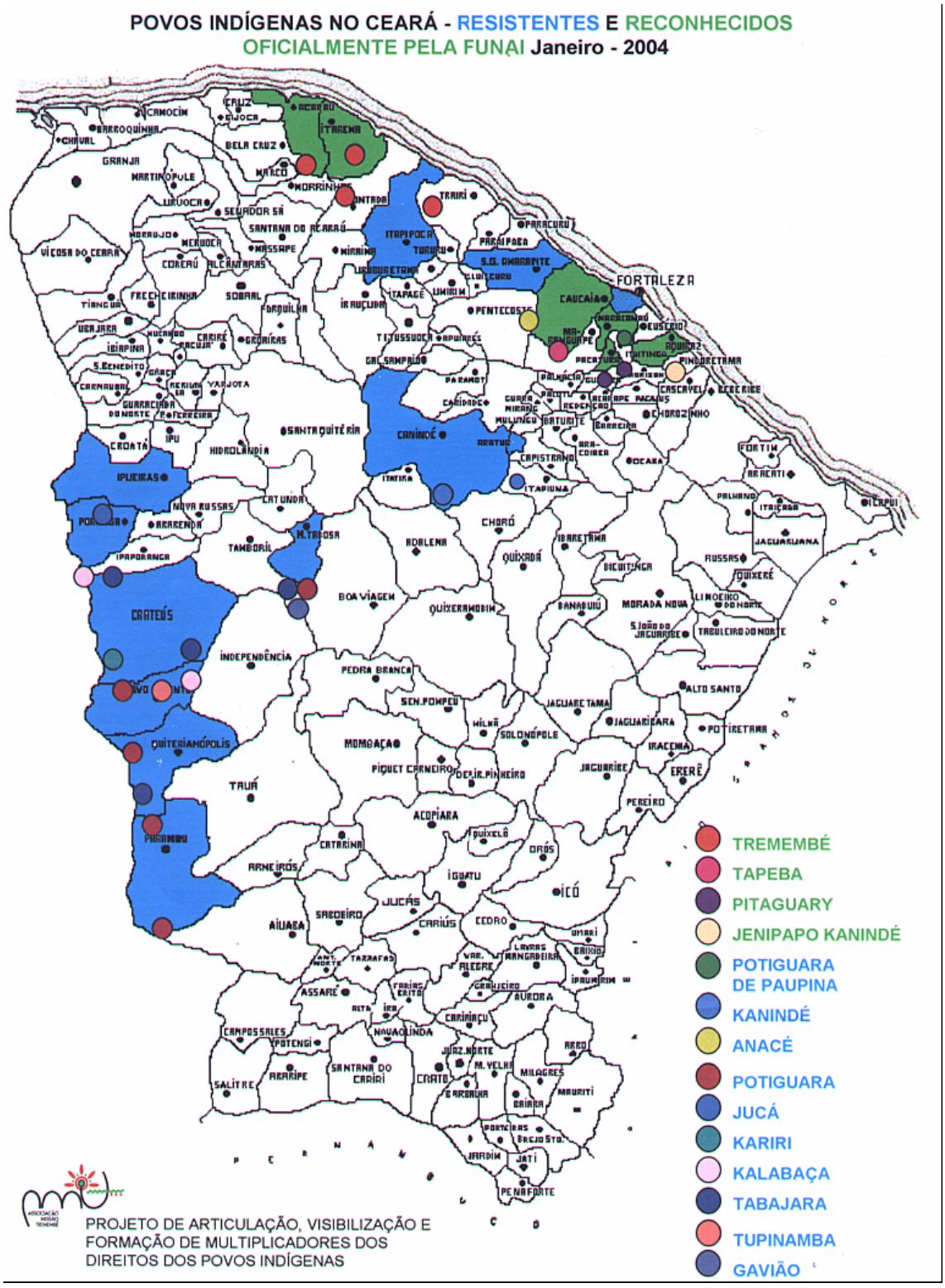

Figura 1: Terras Indígenas do Ceará. Fonte Funai: 2004.

1.2 Povo Pitaguary – Sua história

O nome Pitaguary significa em Tupi lugares nas serras altas, visíveis do mar. É a autodenominação do povo que descente dos Potiguaras do Rio Grande do Norte que no início século XVII foram trazidos para a província do Ceará por Pero Coelho que saiu da Paraíba em direção ao Maranhão para combater os holandeses que ali haviam se estabelecido em território maranhense. Em 1656 começaram a ser catequizados pelos Jesuítas e em 1694 havia quatro Aldeias dos Potiguaras perto de Fortaleza nas localidades de Caucaia, Parangaba, Paupina e Aldeia Nova de Pitaguary entre Pacatuba e Maracanaú.

> Em 1722 há notícias sobre doação pelo capitão-mor do Ceará, Manuel Francez, de duas sesmarias de terras, uma na Serra de Pitaguary, na Aldeia Nova, e outra no Serrote Ipioca. Nos anos seguintes há registros de aldeamentos secundários. (MORAIS, 2004, p.15)

Os relatos indicam o processo de divisão da terra que vai ser ocupado pelos índios Pitaguary. Também segundo o Plano de Aplicação Etnia Pitaguary realizado pela Funai em 2009 com o objetivo de proporcionar o uso da terra indígena de forma ambientalmente sustentável de seus recursos naturais há informações sobre as questões ligadas a posse de terra pelos índios Pitaguary,

> Em 1854, 21 indígenas registraram na freguesia de São Sebastião de Maranguape a posse coletiva do Terreno de nome de Santo Antônio de Pitaguary, topômino derivado de uma capela construída por fazendeiros da região. A reunião desses terrenos é que veio se construir na Terra Indígena Pitaguary atual. (FUNAI, 2004, p.15)

Morais também relata como aconteceu a solicitação da posse da terra:

> Com a Lei das Terras de 1850, várias áreas doadas aos índios em Vila Viçosa, Maranguape, Aratanha e Monte-mor-velho lhes foram tiradas explicando que as terras não eram cultiváveis. Em 1854, o cacique (na época chamado tuxana) Marcos de Souza Cahaíba Arco Verde Camarão e 21 indígenas foram ao vigário local, Pedro Antunes de Alencar Rodovalho, solicitar a posse coletiva do sítio chamado Pitaguary, pertencente aos índios, localizado nas cabeceiras do Rio Pitaguary, na freguesia de Maranguape. (2004, p.15)

Mesmo após a solicitação da terra, os índios ainda reclamavam de maus tratos, da perseguição dos invasores e em 1863 através de oficio enviado pelos índios ao Ministério do Império e depois ao então Presidente da Província, José Bento da Cunha Figueiredo, que ao invés de aceitar a oficio de reivindicação, dá por extinta a população indígena no Ceará (MORAIS, 2004).

Os índios continuaram a perder suas terras, como na construção da estrada de ferro em 1875, pela Companhia Cearense Via Férrea Baturité e o cultivo de café também ocupou as terras indígenas. Viviam de uma economia baseada da plantação de mandioca, milho, feijão, coleta de mangas, uma pequena criação de animais. A relação entre índios e fazendeiros também contribui para desassociar o índio como o proprietário da terra.

> Para viver nas terras, tinham que trabalhar como escravos para os fazendeiros, como se não fossem donos da terra. Dessa forma, começaram a sair de suas próprias aldeias e de seus próprios costumes para procurar as cidades mais próximas, caçando e pescando para sobreviver. Os índios também trabalhavam na plantação de algodão ou abrindo estradas braçalmente, pois não havia máquinas. Os fazendeiros sabiam que eram índios, mas não os tratavam como tal, pois não era do interesse deles reconhecê-los dessa forma, uma vez que poderiam lutar pela terra, já que eram os verdadeiros donos. Os índios saíram da terra devido às grandes secas, os açudes sem água, não tinha caça e, assim, deslocaram-se para outros locais. Foram para as áreas onde havia água, caça e formaram aldeias em cima das serras, onde eram os locais mais escondidos para não serem vistos e expulsos das terras. (MORAIS, 2004, p.16)

Hoje, o Povo Pitaguary, habita a serra que tem o mesmo nome e fica entre os municípios de Maracanaú e Pacatuba, a uma distancia de 26 km da capital, Fortaleza. Se dividem em cinco aldeias, sendo três aldeias maiores localizadas no Santo Antônio em Maracanaú (Aldeia Nova, Aldeia Central e Santo Antônio), Olho D'água (Horto), também em Maracanaú, e Monguba, localizada mais distante, no município de Pacatuba. Fazem parte da família lingüística dos Tupi-guarani, mas atualmente falam somente o português. A seguir reproduzimos o mapa oficial da localização das terras da Aldeia Pitaguary também encontrada no Estudo Etnoecológico Terra Indígena Pitaguary (EETIP) (ROCHA, 2005). Produzido em 2005, o estudo foi desenvolvido em função de exigência ambiental atualmente relacionada a qualquer processo de licenciamento que envolva terras indígenas e facilita a visualização da terra de acordo com a visão do Povo Pitaguary.

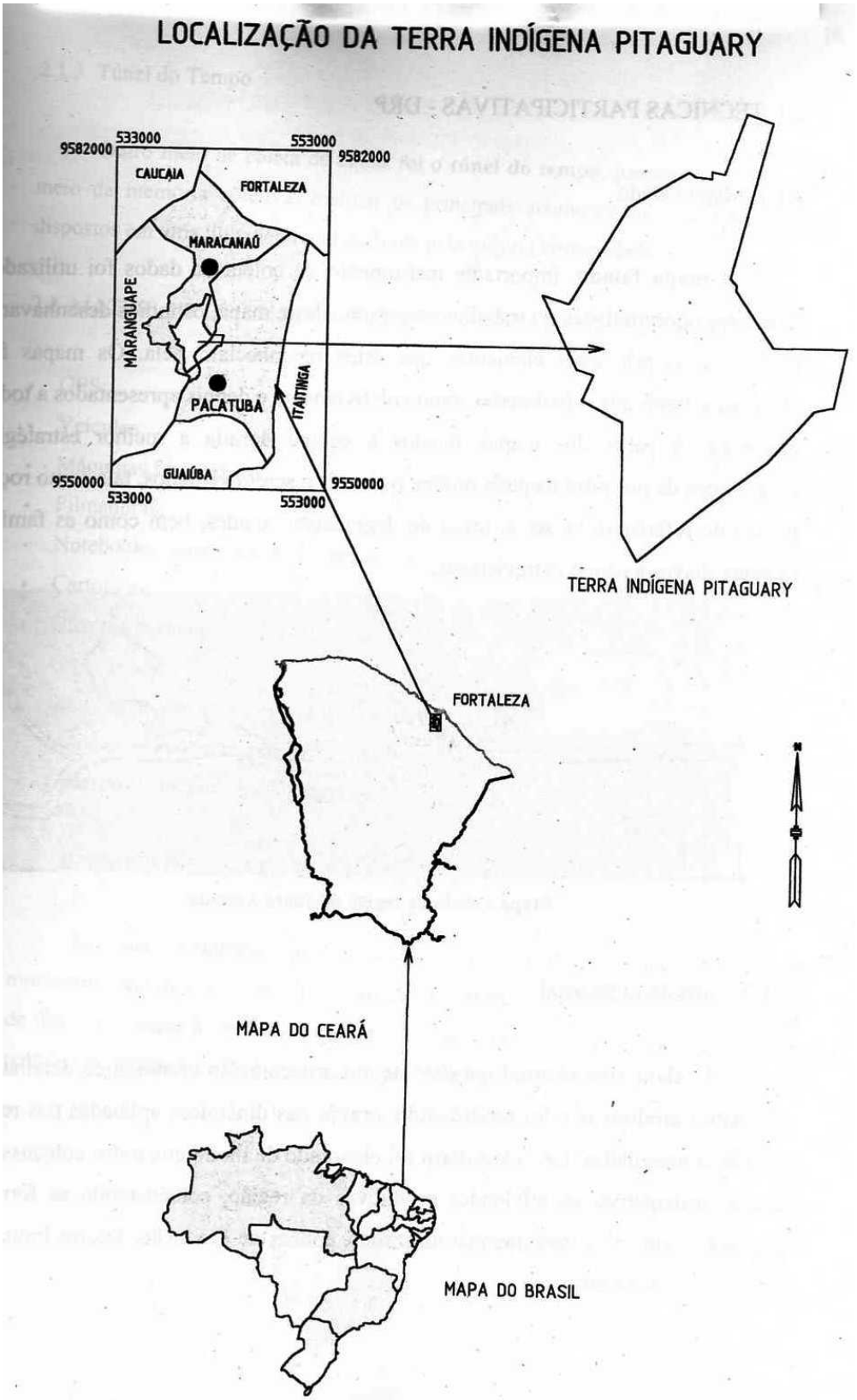

Figura 2: Mapa oficial da terra Pitaguary

O mapa seguinte é denominado de Mapa Falado e foi confeccionado pelos próprios índios Pitaguary em 2005 durante o Estudo Etnoedológico Terra Indígena Pitaguary (EETIP). Este mapa é uma descrição do próprio povo Pitaguary, onde estão suas impressões e visão da própria terra.

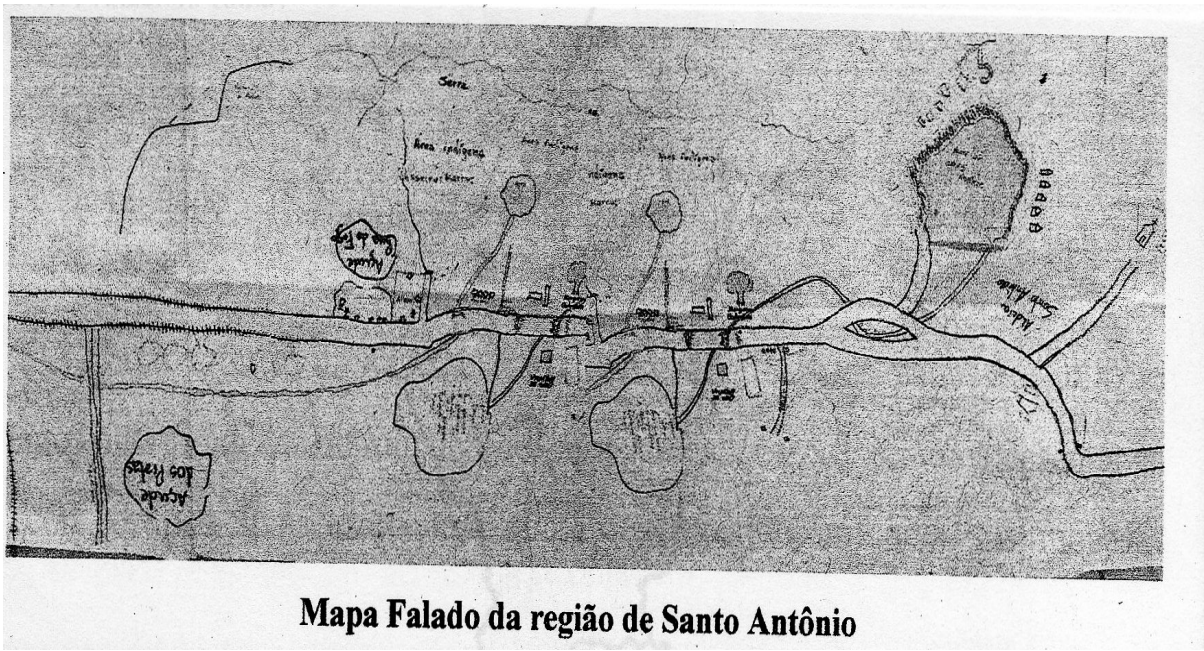

Figura 3: Mapa falado confeccionado pelo povo Pitaguary

1.3 Estruturação e organização do povo Pitaguary

O povo Pitaguary foi visitado pela Funai e suas terras foram demarcadas segundo o Diário Oficial de 3 de julho de 2000 e o Estudo Etnicoecológico Terra Indígena Pitaguary lançado em 2005, apresentada dados de que o território Pitaguary tem uma dimensão de 1.735 hectares de superfície e 21 quilômetros de perímetro, mas ainda aguardam a declaração do Ministério da Justiça para a homologação. Ainda, segundo o estudo,

> ao norte da área indígena se localiza o Açude dos Pratas (Sunguelo ou Novo), a mata do Olho D'Água com o Açudinho, o roçado familiar do Horto que faz limite com o Sítio Furna da Onça, Dr. Aécio de Borba e o Quartel da Policia Militar do Ceará. (ROCHA, 2005, p.16)

Dados do mesmo estudo explicam a divisão territorial da aldeia e oferecem detalhes acerca do povoamento do local.

> A região do Santo Antônio esta dividida entre: Aldeia Central ou Estado, Aldeia Santo Antônio e Aldeia Nova. É a maior da Terra Indígena Pitaguary, com áreas de roçado familiar coletivo, sítios na Serra dos Pitaguary, açude Santo Antônio e três riachos intermitentes, alem da Pedra do Frade, ponto de referência na serra e antigo cemitério dos Pitaguary. Com cerca de 140 casas, essa região possui, atualmente, 605 pessoas. É o local com menor concentração de desaldeamento. (ROCHA, 2005, p.49)

Ainda nos dias hoje, o povo Pitaguary passa por situações de confronto com invasores ou posseiros, como foi o caso ocorrido em 2001. Naquele ano, um posseiro construiu uma churrascaria a beira da estrada dentro da Aldeia Santo Antônio, causava diversos danos como, poluição sonora, ambiental, insegurança na região, além de impedir os índios ao acesso do Açude da localidade. Os índios passaram a realizar protestos com ajuda de outras etnias como relata Morais.

> Cansados de esperar providências do poder público, decidiram agir. Os índios bloquearam a estrada, fecharam o portão que dá acesso às terras do Santo Antônio e ao açude, impedindo a entrada de pessoas estranhas na área. A barreira foi reforçada por galhos e vigiada por dezenas de índios. Os protestos continuaram e, em 2002, em meio ao conflito gerado e em busca da desocupação de suas terras, a comunidade decidiu atear fogo na churrascaria e na casa do posseiro, queimaram o palco, pista de dança e 15 palhoças que estavam construídas em área de açude aterrada ilegalmente. Ao lado dos Pitaguary, participaram da ação os índios Tapeba, Tremembé e Jenipapo-Kanindé, que estavam no local desde o começo do bloqueio. (2004, p.21)

Assim, atualmente para visitar a Aldeia Pitaguary é necessário informar a que se destina a visitar e ser acompanhado por uma liderança local. A sobrevivência do povo Pitaguary é resultado de um conjunto de atividades como a agricultura, que é a atividade economia mais importante, o artesanato, trabalhos em fabricas e casas de famílias para complementação da renda e sustento da família.

Os Pitaguary estão organizados em 3 conselhos indígenas: o Conselho de Articulação Indígena do Povo de Pitaguary (Cainpy), o Conselho Indígena Pitaguary (Coipy) e Conselho Indígena Pitaguary de Monguba (Coipym). Cada conselho abrange uma região específica e possui um corpo administrativo formado por um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro e outros representantes eleitos

em reuniões ou assembleias realizadas periodicamente, nas quais são discutidas propostas para organização das aldeias. Francisco Carlos do Nascimento Moreira, 41 anos, mais conhecido como Carlinhos, é Conselheiro Fiscal do Coipy. Assim ele fala sobre sua função no Conselho:

> A minha função é fiscalizar se o conselho esta fazendo alguma coisa de errado e buscar junto ao conselho melhoria pro povo. A gente faz uma reunião pelo menos uma vez por mês par saber das atividades das outras aldeias. Um conselho não interfere nas decisões do outro. Caso haja diferenças a gente vai em busca das lideranças mais antigas, o pajé, o cacique, para buscar uma solução, rever a situação e chegar num acordo.(Em entrevista de 29.11.09)

Os conselhos são uma cópia das associações ou um modelo de organização “não-índio” e tem como objetivo o acesso as políticas publicas nacionais voltadas para o povo indígena. Segundo Estudo Étnicoecologico Terra Indígena,

> o modelo não-índio é, portanto incorporado e adaptado à realidade local. Assim também aconteceu como o povo Pitaguary. No entanto, apesar de estarem funcionando, os conselhos não expressam a forma tradicional de organização e de tomada de decisão de uma comunidade indígena. (2005, p.43)

Mesmo organizados em conselhos a Aldeia Pitaguary tem como Cacique Francisco Daniel Araújo da Silva, 58 anos, que foi nomeado pelos índios. O papel do cacique é lutar pelo seu povo no tocante a divulgação da cultura do seu povo e lutar pela demarcação de terra. É também sua função a reivindicar a demarcação da terra e melhorias para a Aldeia servindo como um articulador político entre sua comunidade e os poderes públicos. O Cacique esteve em Brasília,

> Em 1993, ao lado de outras lideranças, o cacique dos Pitaguary, Francisco Daniel Araújo da Silva, viajou para Brasília com objetivo de reivindicar a instalação da FUNAI no Ceará, visto como um importante passo para ser reconhecido em nível nacional, e também para que se fizesse o levantamento da terra Pitaguary e dos Jenipapo-Kanindé, em Aquiraz/CE. (MORAIS, 2004, p.19)

Logo após a escolha do cacique Daniel, aconteceu uma reunião na qual Raimundo Carlos da Silva, conhecido como Barbosa e residente na aldeia Monguba,

foi nomeado, pelo então cacique Daniel, para assumir como o pajé, chefe religioso e curandeiro da aldeia.

Além dos conselhos locais, do Cacique e do Pajé, a Aldeia Pitaguary conta ainda com um Conselho de Saúde que tem representantes das 3 aldeias. Para seu funcionamento, existe um convênio com a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e possibilita os índios que estão doentes fazerem o tratamento em Fortaleza, se necessário, existe inda, um posto de saúde e um Centro de Referência de Assistência Social (Cras), que inaugurado em dezembro de 2009.

Outras entidades realizam trabalhos voltados para a saúde indígena, uma delas é o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ) que em parceria com a Prefeitura de Maracanaú realiza projetos sociais. O MSMCBJ que entra nessa parceria para facilitar o processo de valorização da cultura indígena e autoestima do Povo Pitaguary através do Projeto Oré Memé Maranongara, que na tradução da língua Tupi significa 'Somos todos irmãos' e se propõe a realizar ações como arte, música, espetáculo, cursos profissionalizantes, formação em massoterapia, Terapia Comunitária, além dos grupos de Autoestima e o Projeto Sim à Vida[2] que hoje já atende crianças e adolescentes da aldeia. O Projeto Oré Memé Maranongara é realizado em parceria com as Prefeituras de Maracanaú e Pacatuba.

1.3.1 Crenças, danças e terra como lugar sagrado

Um aspecto que chama atenção ao observarmos as atividades do povo Pitaguary é a tentativa de deixar viva para as novas gerações as questões culturais de sua etnia. Lugares, danças e crenças são preservados, tais como: a Mangueira Sagrada, a dança do Toré, a Cafua, o Buraco de Santo Antônio, Açude Santo Antônio e a Sauna Sagrada, como pode-se observar nos itens a seguir, a partir de

[2] Projeto Sim à Vida desenvolve um conjunto de ações com crianças e adolescentes de sete a 14 anos, com o objetivo de preveni-las da dependência química e de situações de risco. Utiliza-se da arte e cultura, efetivando o Estatuto da Criança e do Adolescente, construindo e reelaborando conjuntamente com os acolhidos a consciência sobre os seus direitos e deveres. Este projeto é uma ação do Movimento de Saúde Mental Comunitária de Bom Jardim.

relatos de moradores da Aldeia coletadas através de pesquisa de campo e referências de personalidades.

a) A Mangueira Sagrada

Na entrada da Aldeia do Santo Antônio existe uma mangueira centenária, onde muitos índios foram mortos e torturados pelo “homem branco”. É um símbolo da resistência do índio por sua terra, sua crença e cultura. Todo dia 12 de junho, acontece lá um ritual de celebração da vida. Os índios dançam o Toré em torno da Mangueira Sagrada não só para relembrar os antepassados, mas também em alusão ao espírito guerreiro e de luta. O antigo pajé Filismino explica o que significa a mangueira para o grupo:

> Ali tem um pé de mangueira que está com mais de mil anos, naquele pé de mangueira, exatamente lá, morreu muito índio enforcado, matado de fome. Essa mangueira, quando nós vamos orar, todo mundo chora e ela chove. Debaixo da mangueira chove. Quando nós estamos lá debaixo, brincando o Toré, a mangueira chora. E o clamor é muito grande lá debaixo. É muito grande. O padre vem celebrar essa missa, por aqueles que morreram, para nós assistirmos a tudo, tem que assistir! Nós vivemos por aqui, rolando devagarinho. Agora, chegou o tempo de nós ganharmos o nosso pedacinho de terra (FILISMINO *apud* PINHEIRO, 2002, p. 62).

b) O Toré

O Toré é uma dança tradicional indígena e tem uma simbologia espiritual para os índios. Geralmente é realizada à noite nas festas, reuniões ou assembleias. Para Oliveira (*apud* MORAIS, 2004) esse também é um ritual de afirmação de identidade.

> O ritual do toré, por exemplo, permite exibir a todos os atores presentes nessa situação interétnica (regionais, indigenistas e os próprios índios) os sinais diacríticos de uma indianidade (Oliveira 1988) peculiar aos índios do Nordeste. Transmitido de um grupo para outro por intermédio das visitas dos pajés e de outros coadjuvantes, o toré difundiu-se por todas as áreas e se tornou uma instituição unificadora e comum. Trata-se de um ritual político, protagonizando sempre que é necessário demarcar as fronteiras entre ‘índios’ e ‘brancos’ (OLIVEIRA *apud* MORAIS, 2004, p.31).

A dança do Toré é repassada para as novas gerações por meio dos rituais e apresentações públicas, para que essa dança tradicional não se perca.

c) Lugares históricos e lugares sagrados

A Cafua, o Buraco de Santo Antônio e o Açude Santo Antônio são considerados pelos Pitaguary lugares sagrados e de forte representatividade. A Cafua é um pequeno quarto escuro de alvenaria, onde os índios escravos eram mantidos sem água e sem comida em forma de castigo. Esse lugar é mantido em símbolo de resistência a escravidão (Morais, 2005).

O Buraco de Santo Antônio é um orifício localizado na parede do açude e é considerado milagroso, pois segundo os índios era nesse local que o Santo Antônio aparecia quando desaparecia da capela, que fica em monte no centro da aldeia e essas aparições ocorreram por três vezes e muitos peregrinos chegaram a visitar o local.

O Açude Santo Antônio foi construído pelos índios escravizados, para armazenar água, sendo há alguns anos atrás, motivo de preocupação para o povo Pitaguary por causa de turistas visitantes ao local, que poluíam o meio ambiente. Hoje é utilizado apenas pelos índios da Aldeia, na pesca, para tomar banho e lavar roupa.

d) A Sauna Sagrada

É um ritual de purificação, muito praticada pelos índios Lakota[3] onde os índios entram dentro de uma tenda (que representa o útero da mãe terra), existe um orifício no meio da cabana, onde são colocadas pedras quentes. Quando a tenda é fechada, água é jogada em cima das pedras e o vapor faz com as pessoas transpirem e purifiquem o corpo e mente. Durante todo o ritual as pessoas dentro da tenda, inclusive as crianças, cantam músicas de reverência à cultura indígena, à mata e aos animais.

A experiência foi repassada primeiramente pelo padre italiano Ottorino Bonvini[4] e posteriormente por um índio Lakota, Adam Little Elk que esteve no Brasil

---

[3] Uma das sete tribos Sioux dos Estados Unidos.

[4] Ottorino Bonvini é mais conhecido como Rino Bonvini. É padre, psiquiatra e trabalha diretamente com o resgate da autoestima da cultura Pitaguary através do projeto Ore Memé Maranongara realizado pelo Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim. Pe. Rino é irmão adotivo de Adam Little Elk índio Lakota de quem recebeu conhecimento sobre a Sauna Sagrada e sobre a cultura indígena.

em junho de 2009, visitou a Aldeia Pitaguary e repassou os conhecimentos sobre a Sauna Sagrada.

1.3.2 Escola Diferenciada – Educação do Povo Pitaguary

Uma escola com ensino diferenciado era antiga reivindicação do Povo Pitaguary e fez com que a Prefeitura de Maracanaú através da Secretaria de Educação Municipal fizesse uma parceria com a Secretaria de Educação do Estado (Seduc) e transformassem a Escola Municipal que já existia em uma Escola Diferenciada de acordo com o padrão proposto pelo Ministério da Educação (MEC).

A Escola Diferenciada na Aldeia do Santo Antonio foi inaugurada em 1999 e é a mais estruturada das Aldeias, mesmo precisando de muitas melhorias. A escola recebe benefícios do MEC e do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e o dinheiro é destinado para a compra de material didático. Segundo o Estudo Etnoecológico Terra Indígena Pitaguary,

> na escola estudam, atualmente, cerca de 200 alunos na Educação Infantil até o Supletivo do Ensino Médio, em turnos matutinos, vespertinos e noturnos. Com um quadro de 14 professores, boa parte com nível superior completo ou com o magistério indígena... (ROCHA, 2005, p.52)

A conquista de uma escola com ensino diferenciado não foi fácil, como cita Morais:

> Essa conquista não ocorreu sem conflitos, pois alguns posseiros ainda tentaram impedir as aulas na Escola Pitaguary, mas a presença da polícia federal e de índios Tapeba garantiu o funcionamento da Escola Diferenciada. (2004, p.36)

Na Escola Indígena os alunos aprendem sobre as tradições indígenas e danças típicas, além das disciplinas regulares do currículo formal e para lecionar na Escola Diferenciada, é preciso participar do curso de Magistério Indígena. No Ceará, existem dois programas: um promovido pela Seduc, com índios reconhecidos e não reconhecidos, e outro pela Universidade Federal do Ceará/UFC em parceria com a FUNAI e o Ministério da Educação – MEC. O curso tem duração de três anos e os índios recebem o certificado de nível médio. O objetivo do curso é qualificar profissionais para atuar nas Escolas Diferenciadas do Estado.

1.4 As questões indígenas e a mídia impressa

Este trabalho tem como desafio investigar, a abordagem da questão indígena na mídia impressa com foco no Jornal O Povo no ano de 2008 e quer destacar e responder alguns questionamentos: de que forma e em quais situações o índio é exposto à mídia? Quando o índio é pauta no jornal O Povo? Quais os critérios que tornam o índio notícia no jornal O Povo?

A pesquisa pretendeu, apesar de coletar matérias sobre a questão indígena, focar no povo Pitaguary e que tem uma história vasta e com pontos serem apreciados pela sociedade como forma de conhecer a própria historia do povo brasileiro, no entanto nem sempre este legado é destacado na mídia como ressalta Foscaches,

> Tradicionalmente marginalizado, o indígena, que não se enquadra no quesito formato do produto notícia destas empresas jornalísticas, torna-se um incomodo para estes veículos de informação, já que a realidade destes povos contesta o estilo padrão de generalização e desafia a capacidade habitual de resumo destes jornalistas. Por isso, na ótica desses profissionais, em muitos casos, restringir às fontes, especialmente a fontes oficiais, mesmo não tendo prova da sua confiabilidade, é a solução melhor. (2008, p.04)

O processo de coleta de dados para esta investigação se faz através de uma pesquisa no banco de dados do jornal O Povo, para coleta de matérias veiculadas no jornal durante o ano de 2008. No Capitulo II a separação dessas matérias são feitas por temas, impacto, interesse humano, pessoal, datas comemorativas.

> As notícias, modo geral, poderiam ser publicadas quando respeitadas os seguintes critérios, segundo os quais, embora não aceitos pela unanimidade, chagam a motivar o público por se relacionarem ou se referirem a: proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência (ou celebridade), aventura e conflito, conseqüências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância rivalidade, utilidade, política editorial do jornal, oportunidade, dinheiro, expectativa ou suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas e invenções, repercussão e confidências. (ERBOLATO, 2004, p.60)

Para complementar a percepção sobre os critérios de noticiabilidade este estudo foi complementado com entrevistas com o próprio Povo Pitaguary, representados pelo Cacique e um membro da Aldeia sobre as reportagens, que estão organizadas no capitulo III, tendo como objetivo relacionar o conteúdo jornalístico coletado e as distintas visões dos entrevistados sobre a forma de representação da questão indígena no jornal impresso.

2 A MÍDIA IMPRESSA E A QUESTÃO INDÍGENA: ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este capítulo dedica-se a apresentação dos conceitos e da metodologia que foi utilizada durante o trabalho de pesquisa. Faz também uma breve introdução sobre o jornalismo no Ceará, a notícia como matéria prima do jornalismo, as características da notícia, e a metodologia utilizada para investigar a inserção da pauta indígena na imprensa.

2.1 Jornalismo no Ceará

O primeiro número de jornal impresso no Estado do Ceará, o *Diário do Governo do Ceará,* data de 1º de Abril de 1824 e trazia informações sobre sua constituição e acerca de seus objetivos, de acordo com Montenegro (2003). Segundo Salgado (2003), a partir dessa data os jornais no Estado foram sendo fundados, alguns não resistiram ao tempo e outros fecharam por terem em sua essência uma característica político-partidária, satírico ou religioso como era o caso dos jornais “O Pão”, “Diário do Povo” e “Mutirão”.

Porém no dia 7 de janeiro de 1928 é fundado o jornal “O Povo” por Demócrito Rocha, que segundo Montenegro (2003) afirma-se com postura independente e renovadora no cenário jornalístico do país. Adotou uma atitude mais atualizada e com maior objetividade para expressar os fatos do cotidiano. O jornal “O Povo” cumpriu uma trajetória de resistência, já que não representava um grupo econômico forte, mas que passou a atuar também como emissora de rádio AM e FM, hoje também como emissora de TV através da TV O Povo e foi selecionado como periódico de referência para esta pesquisa.

> Setenta e cinco anos de história, milhares e milhares de páginas viradas e profundas transformação técnicas e tecnológicas depois, fazem de O Povo o jornal de maior longevidade em circulação no Estado do Ceará e o colocam num patamar de credibilidade e inserção social indiscutível. Fruto da iniciativa o escritor Demócrito Rocha – mais tarde, ele seria político – o jornal é, ao mesmo tempo testemunha e personagem de vários capítulos da história da imprensa cearense (SALGADO, 2003, p.203).

Outro jornal de destaque no panorama cearense é “O Estado” fundado em 1936, com dimensão empresarial, circulação restrita, pequena inserção no mercado publicitário e editorial cearense, ainda está em circulação e recentemente passou por uma reforma editorial.

Já o “Diário do Nordeste” fundado em 1981, nasce no período eminência jornalismo como um negócio e a notícia, sua mercadoria e vem de um dos maiores grupos empresariais do Brasil – Grupo Edson Queiroz. O jornal faz parte de uma estrutura de comunicação composta por duas emissoras de televisão e duas emissoras de rádio (AM e FM). O “Diário do Nordeste” hoje disputa mercado publicitário e de leitores diretamente com o jornal “O Povo”.

2.2 Notícia como matéria-prima do jornalismo

Antes de definir o conceito de jornalismo, o que pode ser uma elaboração complexa é necessário expor o conceito de notícia que segundo Erbolato (1991) são fatos novos que surgem sobre a vida dos indivíduos e da sociedade, são também a matéria-prima do jornalismo, pois somente depois de conhecidas ou divulgadas é que os assuntos aos quais se referem podem ser comentados, interpretados e pesquisados, servindo também de motivo para gráficos e charges. Ainda de acordo com o autor, as notícias devem ser recentes, inéditas e de interesse público.

A notícia é tudo que os jornalistas escolhem para oferecer ao público. E como, geralmente, o leitor prefere as notícias de cunho negativo, na maioria das vezes os meios de comunicação retratam o mundo de forma mais negativa do que realmente é (NOBLAT, 2006). Ainda segundo o autor, “a notícia é como o Divino que está em todos os lugares, mas o jornalista tem preguiça de até ela”.

> Notícia é como Deus para os que nele acreditam: está presente em toda parte e ao mesmo tempo. O problema é que os repórteres não saem mais da redação a procura da notícia. Eles saem atrás de notícias que nascem na própria redação. Quase sempre as mesmas, em todas as redações. A maioria dos jornais e dos jornalistas sucumbiu há muito tempo ao mecanismo perverso da pauta comum de assuntos (NOBLAT, 2006, p.42)

O autor descreve uma redação apática onde os jornalistas esperam as notícias e não as buscam como deveria. Este fato é percebido ao se fazer a análise das notícias veiculadas durante o ano de 2008, onde durante o mês de abril, no qual

se comemora o Dia do Índio - 19 de abril – apenas quatro matérias foram realizadas, sendo apenas duas delas fala sobre as questões indígenas como, a luta pela demarcação de terra ou divulgação da cultura.

O jornalismo é uma obra única exclusiva do jornalista, o leitor é tão importante quanto, pois ele detém o poder de compra de jornal e é também responsável pelo bom ou pelo mau jornalismo. O autor sugere que o leitor também seja responsável pelo conteúdo do jornal (NOBLAT, 2006), pois é ele que o adquiri e por esse motivo pode, por exemplo, deixar de obter um periódico de cunho duvidoso e fazer com este jornal se interpele a respeito dos métodos utilizados e encontre uma outra fórmula que o jornal seja mais atrativo para conquistar novos leitores.

Porém para Pena (2005), o jornalismo está intimamente ligado à necessidade humana de saber. Assim quando falamos de jornalismo, falamos de discurso especializado na produção e transmissão do saber e o jornalismo assume uma função de informar os fatos de maneira verdadeira e imparcial. Para muitos profissionais da comunicação, a questão da imparcialidade pode ser um valor questionável, pois a partir do momento em que se escolhe uma determinada notícia ou como irá noticiá-la, isso já se torna uma forma de ‘parcialidade’ por esta embutida a subjetividade ou olhar que cada profissional tem sob cada fato.

Sobre o jornalismo, Erbolato (1991), afirma que o jornalismo se caracteriza pelos princípios básicos da universalidade, periodicidade, atualidade e difusão coletiva. Esses elementos, para ele possibilitam uma compreensão do fenômeno jornalístico.

2.3 Características da notícia

Uma das principais características da notícia é a objetividade. Segundo Erbolato (2006) a notícia deve ser publicada sem rodeios, de forma sintética, mas de forma correta do assunto informado. É necessário que o profissional da comunicação seja objetivo, mas essa objetividade não pode levá-lo deixar de citar questões importantes na notícia para o leitor.

> Considera-se ainda o seguinte, com referência às notícias: elas têm importância quando algo ocorre pela primeira e última vez e despertam pouco interesse durante a rotina. Um serviço público ao ser inaugurado ou extinto, constitui boa matéria jornalística, porém, poucas vezes a imprensa se preocupará em falar sobre ele, durante os anos em que funcionar, a menos que presente irregularidades e provoque indignação dos usuários (ERBOLATO, 1991, p. 60).

Ainda segundo o autor, outras características da notícia são: proximidade, marco geográfico, impacto, conseqüências, humor, raridade, sexo e idade, progresso, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial do jornal, oportunidade, dinheiro, expectativa ou suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas e invenções, repercussão e confidências.

Para as matérias publicadas em 2008 pelo o jornal “O Povo” em sua maioria se utiliza dos critérios de impacto, progresso, marco geográfico e repercussão para as publicações relacionadas as questões indígenas, até mesmo, para que a abordagem jornalística tenha orientação editorial coerente com a importância do tema, aprofundaremos esta discussão em tópico dedicado a análise das matérias no Capitulo III.

2.4 A metodologia da pesquisa e as matérias do jornal O Povo

Com base nas características das notícias já citadas no item 3.3, as matérias que serão analisadas no capítulo seguinte deste estudo foram coletadas diretamente no banco de dados do jornal “O Povo” e o período escolhido foi o ano de 2008. Na busca nos arquivos, foram encontradas 29 matérias relacionadas às palavras: índio, indígena e Pitaguary. Essa seleção pelas matérias onde apareciam as palavras citadas acima segue a regra de enumeração:

> É possível encontrar tradicionalmente três índices nas pesquisas sobre as comunicações de massa: (a) a *freqüência* com que aparece um símbolo, idéia ou tema tende a ser interpretada como medida de importância, atenção ou ênfase; (b) o equilíbrio na quantidade de atributos *favoráveis e desaforáveis* de um símbolo, idéia ou tema tende a servir como medida de *orientação e tendência*; (c) a quantidade de associações e de classificações manifestadas sobre um símbolo, idéia, tema pode ser interpretada como uma medida de *intensidade ou força* de crença, convicção ou motivação. (KRIPPENDORF *apud* JÚNIOR, 2008, p.295)

Já para Duarte (2008) este método é denominado *análise associativa*, pois considera que o mais importante não é o número de vezes em que certas palavras, temas ou tipos de personagens aparecem numa mensagem, mas sim como eles estão organizados entre si. O objetivo é fazer uma análise documental das matérias publicadas nesse período que segundo Moreira (2008) abrange a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim.

> (...) o recurso da análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. As fontes mais comuns são os acervos de impressos 'jornais, revistas, catálogos, almanaques' (MOREIRA, 2008, p.270).

Logo após a analise documental foi realizada análise do conteúdo das matérias que consiste em investigar fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa (Júnior, 2008). Além das técnicas possuem três características fundamentais,

> (a) orientação de conteúdo fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva; (b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as idéias de mensagem, canal, comunicação e sistema; (c) metodologia própria, que permite a investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência dos resultados (KRIPPENDORF, 1990, apud JÚNIOR, 2008, p.286).

Durante a coleta de dados no jornal, foi constatado que as matérias de temática indígena onde são mais visíveis em determinadas sessões como: na sessão Ceará, Fortaleza, Brasil, Mundo, Página 2 e Viagem e lazer, o que facilitou na escolha de jornalistas para serem entrevistados a respeito do tema abordado nesta pesquisa. Segundo Fontana e Frey (1992, p.361 apud Duarte, 2008) a entrevista é uma dos mais comuns e poderosos modos que se utiliza para tentar entender nossa condição humana. Ela tornou-se técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, com larga adoção em áreas como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação física e psicologia. (DUARTE, 2008, p.62)

Entrevistas também foram realizadas com os índios da aldeia Pitaguary para que eles, assim como os jornalistas, coloquem suas impressões sobre as matérias publicadas. Objetivo é compreender, descrever os processos e fluxos que possibilitem identificar juízos de valor e interpretações, pois segundo Duarte (2008)

esta ferramenta de pesquisa muitas vezes está relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusão precisas e definitivas.

A escolha dos índios da aldeia Pitaguary foi realizada por conveniência baseada na viabilidade. Segundo Duarte (2008) isso ocorre quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade.

> Dependendo do objetivo do trabalho, pode-se obter melhor resultado entrevistando um funcionário do que o gerente, o repórter do que o editor-chefe, as pessoas que conhecem o personagem do que o próprio personagem. Ao mesmo tempo, pessoas que tenham participação menor podem contradizer apresentar perspectiva inusitada, aumentar a confiança ou esclarecer mais detalhadamente aspectos relevantes (DUARTE, 2008, p. 69).

Esse método de pesquisa onde existe a proximidade com o objeto, segundo Michaliszyn e Tomasini (2008) é chamada de pesquisa-ação ou pesquisa participante que se caracteriza pela intenção entre os pesquisadores e o grupo social pesquisado, ocorrendo entre eles um certo envolvimento de modo cooperativo ou participativo e supõe o desenvolvimento de ações planejadas, de caráter social.

Este envolvimento que citaremos, entre pesquisado e pesquisador, se aplica a esta pesquisa e à pesquisadora, pois a mesma trabalha em uma Organização não Governamental (Ong) o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim que entra nesse cenário para facilitar o processo de valorização da cultura indígena e autoestima do Povo Pitaguary. Como já foi citado anteriormente o Projeto Oré Memé Maranongara é realizado em parceria com as Prefeituras de Maracanaú e Pacatuba. Esta pesquisa também tem o intuito de servir ao povo Pitaguary como forma de pesquisa, para eles possam saber como são visto pelos jornalistas e como eles se vêem nessas matérias do jornal, pois em muitas das suas palavras falam em reconhecimento.

> “Nós índios Pitaguary, todos juntos, lutamos pela educação, pela saúde, mostramos que somos resistentes e que não estamos mortos. O que a gente quer é cobrar o respeito que não tivemos no passado, não queremos só no papel, queremos na prática.” (Cacique Daniel em entrevista: 29.11.09)

Ainda sobre as entrevistas, foram elaborados questionários de forma dirigida que utiliza um roteiro preestabelecido (Michaliszyn e Tomasini (2008). Para os índios da Aldeia Pitaguary a entrevista será realizada com pessoas de referencia como o Cacique e um membro da Aldeia. A escolha dessas fontes são para propiciar o primeiro passo para saber como o grupo Pitaguary se vêem nas matérias publicadas.

3 COLETA E DESCRIÇÃO DAS MATÉRIAS DO JORNAL O POVO

Após a fase de coleta no banco de dados do jornal “O Povo”, foram encontradas 29 matérias, localizadas em editorias ou seções especificas do jornal. São elas Mundo, Brasil, Ceará, Vida e Arte, Viagem e Lazer, Fortaleza, Política e Página 2. Como já expusemos em nossa metodologia, utilizamos como palavras-chave para a pesquisa das matérias os termos índio, indígena e Pitaguary, chegando ao resultado que passamos a descrever a seguir, em ordem cronológica, no período compreendido entre janeiro e dezembro de 2008.

3.1. Matérias publicadas

As matérias coletadas e analisadas têm tamanhos variados e temáticas diversas, relacionadas à educação, propriedade de terra, esporte, história do povo indígena, violência e política. As matérias também são diversas em relação à autoria e somente algumas são ilustradas com fotos, enquanto outras, dependendo da importância dada ao conteúdo, ganham o acréscimo de um *box*.

3.1.1 Edição de 09 de janeiro de 2008

Na seção Ceará, página 14 foi publicada matéria com o titulo “Caravana comemora 400 anos de evangelização pelos jesuítas”. A matéria e tem como autora a jornalista Rita Célia Faheina, que fala do padre Francisco Pinto. Durante tentativa de evangelização no século XVII, ele foi atacado a pauladas por índios Tapuia da Serra da Ibiapaba, que resistiam à situação de aculturação. Um índio chamado Antonio também morreu na tentativa de salvar o padre. A matéria possui uma foto da Igreja de Nossa Senhora da Assunção na Serra da Ibiapaba, cuja legenda informa dia, hora e local de uma missa.

3.1.2 Edição de 17 de fevereiro de 2008

A seção Ceará, página 12 apresenta a matéria “Material indígena é encontrado em escavações na Taíba”. Onde a jornalista Rita Célia Faheina, destaca a descoberta de cerâmicas e artefatos primitivos que possivelmente possam ser de índios que viveram na Taíba, município de São Gonçalo do Amarante, que fica a 55 quilômetros de distância da capital Fortaleza. Faheina também cita outra descoberta arqueológica em Mauriti, cidade a 500 quilômetros de Fortaleza. A matéria mostra o depoimento de órgãos qualificados sobre a importância do achado e ao centro, há uma foto de uma arqueóloga fazendo escavações.

3.1.3 Edição de 06 de março de 2008

A editoria Fortaleza do jornal veiculou a matéria com titulo “Índios conseguem repasse de verba”. A notícia não mostra foto. É a primeira da página 8 e trata de uma manifestação onde cerca de 150 índios ocuparam a sede da Fundação Nacional do Índio (Funasa) e reivindicavam o direito a atendimento de saúde.

3.1.4 Edição de 12 de março de 2008

Na editoria Mundo, a matéria com identificação “das agências de noticias” mostra uma reportagem com texto “Mudança no clima faz índios e minorias vítimas silenciosas”. O texto se refere aos índios que estão morrendo, segundo estudo divulgado em Londres, por causa das conseqüências do aquecimento global. A matéria mostra ainda uma foto do Parque Indígena do Xingu e a legenda “Parque Indígena do Xingu: Brasil acusado por deixar que comunidades sejam expulsas de suas terras”.

3.1.5 Edição de 12 de março de 2008

Ainda nesta edição, na editoria Brasil, outro texto sobre os índios. Desta vez, uma notícia no canto inferior direito da página 12, com título “Alunos terão aulas sobre afro e índios”. Não há indicação do jornalista-autor. A notícia vem de uma agência de notícias e discorre sobre a lei que obriga os alunos do ensino

fundamental e médio de escolas públicas e particulares a assistirem aulas sobre a cultura afro e indígena.

3.1.6 Edição de 11 de abril de 2008

Na seção Brasil, na página 13, há uma notícia sem foto, no canto da segunda coluna à esquerda. O titulo é “92 índios mortos no Brasil em 2007”. O texto vem de uma agência de noticia e apresenta um estudo que aponta 92 assassinatos de índios no País, um aumento de 64%.

3.1.7 Edição de 17 de abril de 2008

A página 8 da editoria Fortaleza traz uma notícia na terceira coluna, no lado superior direito, sem fotos e sem autoria declarada, com título “Palestra sobre povos indígenas”. A matéria trata de uma mostra de vídeos educativos e palestras sobre os povos indígenas do Ceará. Dentre estes, os Tremembé, os Jenipapo-Kanindé e o povo Pitaguary.

3.1.8 Edição de 18 de abril de 2008

Na seção Fortaleza – Saúde, na página 8, há uma notícia com titulo “Histórias dos povos indígenas do Ceará”. O texto não tem autoria creditada e descreve a visita de algumas crianças ao Jardim Botânico de Fortaleza. Lá, tiveram a oportunidade de conhecer a cultura e a culinária indígenas, além de ter acesso a fotos e objetos relacionados. A notícia mostra uma foto de uma das crianças que visitou o local. Em um b*ox*, ela relata impressões sobre a visita.

3.1.9 Edição de 19 de abril de 2008

Na editoria Política, página 22, uma reportagem com título “Política indigenista será mantida” aborda a demarcação de terra da reserva Raposa/Serra do Sol. Esta notícia tem duas fotos, na primeira delas o presidente Luís Inácio Lula da Silva e a então ministra do Meio Ambiente Marina Silva aparecem em Brasília, onde receberam representantes de 40 povos indígenas. Na mesma página, um *box*

denominado ‘2min visuais’ veicula outra foto, de um líder indígena da etnia Kayapó lendo dentro de um carro e o destaque da nota chama-se “Novos Tempos”. A matéria não cita e nem faz alusão a data 19 de abril, o Dia do Índio.

3.1.10 Edição de 20 de abril de 2008

Na editoria Brasil, na página 13, o jornal publica reportagem com titulo “Índios querem discutir projeto para mineração”. O texto refere-se ao grupo de representantes dos povos indígenas que foram recebidos pelo presidente Lula e com ele discutiram a aprovação do Estatuto do Índio, cuja tramitação está paralisada há 13 anos. A notícia vem de uma agência de notícias e traz uma foto dos índios que conversaram com o presidente.

3.1.11 Edição de 11 de maio de 2008

No caderno Vida e Arte, página 8, o título do artigo escrito por Dorothea Passetti é “Antropofagia indígena”. Onde a autora diz que a ‘antropofagia indígena nada tem a ver com o caso de comer o outro por fome’. A autora, que não é jornalista, mas é professora de antropologia da Pontífice Universidade Católica de São Paulo – PUC, faz um resgate histórico sobre o ritual antropofágico, no qual os índios comem pedaços humanos, principalmente dos guerreiros, como forma de capturar sua força e inteligência. O artigo não tem foto, mas exibe uma gravura que lembra uma colagem de fotos de esculturas indígenas.

3.1.12 Edição de 15 de maio de 2008

A matéria veiculada nessa edição localiza-se na seção Página 2. O titulo é “Líder dos arrozeiros de reserva de Roraima é libertado” e vem de uma agência de notícias. A matéria trata da reserva Raposa Serra do Sol, onde o líder dos arrozeiros, o prefeito, seu filho e mais seis pessoas foram presas, acusadas de ferir a tiros nove índios. A matéria não possui foto e ocupa as três colunas no centro, no final da página.

3.1.13 Edição de 22 de maio de 2008

A matéria desta edição está na sessão Brasil da página 14, o titulo é “Agressão a engenheiro var ser investigada”. O texto vem de uma agência de noticias e fala sobre a abertura de inquérito pela Polícia Federal para apurar o caso de um funcionário da Eletrobrás que estava apresentado estudos sobre uma usina e foi ferido no braço por índios em um evento em Altamira no Pará. A notícia não tem foto e esta na parte de baixo da página.

3.1.14 Edição de 24 de maio de 2008

Na editoria Brasil, página 13, uma reportagem apresenta o título “Presidente do STF condena ataque de índios a engenheiro”. A reportagem é uma repercussão da matéria do dia 22 de maio e nesse texto o presidente do Superior Tribunal Federal – STF, Gilmar Mendes, pede padrões ‘civilizatórios mínimos’. A foto que ilustra a matéria é a do presidente do STF. A matéria é de uma agência de notícias.

3.1.15 Edição de 25 de maio de 2008

Na sessão Brasil mais uma matéria que repercute a do dia 22 de maio, o título é “Bispo defende compra de facões” e o subtítulo é “Incidente”. A matéria traz o depoimento do Bispo dom Erwin Krautler, sobre o povo Xingu, que lamenta o acontecido com o funcionário da Eletrobrás, mas questionou postura do engenheiro durante o evento para explicar a ‘eventual’ construção da hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu. Explica ainda, que os índios não queriam matar o engenheiro, mas ele não utilizou uma forma pedagógica ou uma forma clara, para que os povos indígenas compreendessem a situação. A notícia vem de uma agencia de notícia fica na parte inferior da página 12.

3.1.16 Edição de 29 de maio de 2008

Na editoria Brasil, uma notícia aborda o trabalho escravo do povo indígena. O título é “Anistia denuncia exploração indígena e trabalho escravo”. A matéria vem de agências de notícias e não é ilustrada. Em destaque no centro da matéria, há

uma frase aspeada: “409 trabalhadores, 150 dos quais eram índios, foram resgatados no Mato Grosso do Sul. Equipes de inspeção encontraram 831 índios que trabalhavam no corte de cana, alojados em condições extremante precárias e insalubres”. Em um dos parágrafos, a notícia cita que algumas medidas tomadas para melhorar as condições dos trabalhadores do corte de cana sem, contudo, terem sido suficientes. A matéria acrescenta que as lavouras canavieiras estão se expandindo pelas terras indígenas.

3.1.17 Edição de 03 de junho de 2008

Na editoria Ceará, uma reportagem mostra o tema da I Assembleia do Movimento Indígena Tremembé e o título é “Índios tremembés discutem integração”. A reportagem explica que a assembleia discute questões relacionadas à terra, à etnicidade, à educação indígena, à medicina tradicional e à educação escolar dos indígenas. Um *box* no centro do texto apresenta explicações sobre as tradições do Povo Tremembé e a região do Ceará em que estão vivendo. A foto retrata os índios com suas vestimentas tradicionais.

3.1.18 Edição de 07 de junho de 2008

Na editoria Mundo, o título da notícia é “Japão reconhece minoria milenar” e o subtítulo é “Povo Indígena”. A matéria, oriunda de uma agencia de notícias, relata que o Parlamento japonês reconheceu o povo indígena Ainu. Trata-se de um povo indígena Japonês. A partir desse reconhecimento, serão tomadas medidas imediatas para ajudar o povo, que vive prioritariamente da caça e da pesca.

3.1.19 Edição de 11 de junho de 2008

Na editoria Brasil, uma noticia escrita pelo jornalista Gabriel Manzano Filho, tem o título “TV inglesa queria ‘reality show’ com índios”. A matéria explica que alguns meses antes uma TV inglesa entrou na mata peruana, encontrou uma tribo indígena e propôs fazer uma serie de filmagens, a serem utilizadas para mostrar a vida dos índios. A idéia não foi colocada em prática, porém no contato, os índios adquiriram um vírus dos brancos, que contagiou a aldeia e causou a morte de quatro

índios. Segundo a produtora Cicada Films, os funcionários não invadiram terras proibidas. Os índios, segundo a produtora, já estavam doentes. A matéria não tem ilustração, mas traz à tona discussão pertinente no que diz respeito ao isolamento de algumas aldeias. A matéria cita como exemplo um povo indígena no estado do Acre.

3.1.20 Edição de 26 de junho de 2008

Na editoria Ceará, página 11, uma matéria tem o título “Índios temem destruição de cemitério”. Essa é a maior reportagem do jornal, em todo o ano, sobre a questão indígena, tanto no que diz respeito à dimensão (página inteira), quanto à abordagem do assunto e o aprofundamento do tema. A reportagem trata do medo dos índios Anacés, de terem seu cemitério secular, chamado de Cambeba, destruído para a construção de uma refinaria. A matéria explica ainda que as terras, segundo a Agência de Desenvolvimento do Ceará (Adece), são de propriedade pública, mas os Anacés estão dispostos a lutar pelo patrimônio e prometem até ‘guerra’. A reportagem mostra 3 *boxes*. O primeiro tem um depoimento de uma moradora próxima ao cemitério, que já foi procurada pelo Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará para desocupar a casa onde mora. O segundo *box* mostra que os índios estão organizados e vão procurar órgãos como o Ministério Publico Federal e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para ajudá-los nesse caso. Por fim, o último *box*, de título “Emais”, traz informações sobre a colaboração de Dom Aloísio Lorscheider com as etnias indígenas. A reportagem ainda cita o apoio do povo Tapeba na defesa do terreno. A foto mostra um cemitério em situações precárias de conservação e a legenda diz “O cemitério Cambeba foi criado pelos índios no período entre 1651 e 1712”.

O cemitério Cambeba foi criado pelos índios anacés no período entre 1651 e 1712

Figura 4: Reprodução fac-simile da foto da página 11, da edição de 26 de junho de 2008 do jornal O Povo

3.1.21 Edição de 26 de julho de 2008

Na editoria Fortaleza, página 6, no canto direito, consta notícia com título “Índios são alvo de pedradas em festejo”. A matéria aborda a situação vivida por um grupo da etnia Tapeba durante os festejos de 404 anos da Barra do Ceará. Eles foram apedrejados por 5 homens quando voltavam para a aldeia em Caucaia. Ninguém foi preso ou identificado. A notícia é ilustrada por um foto de um Tapeba durante o evento. A legenda da foto informa: “Os índios participam do aniversário de 404 anos da Barra”.

3.1.22 Edição de 22 de agosto de 2008

Na editoria Ceará, página 10, a reportagem da jornalista Rosa Sá, com o título “Índios fazem ato por direito a terras”, mostra as etnias existentes no Ceará em ato pela regularização da terra. Nesta matéria o povo Pitiguary aparece juntamente com outras 13 etnias na tentativa de mostrar os problemas enfrentados pelos povos

indígenas na questão da demarcação do território. A foto utilizada nessa notícia mostra os índios de várias etnias dançando o Toré na Praça do Ferreira.

3.1.23 Edição de 31 de agosto de 2008

Neste dia, a matéria “I Encontro dos Índios Kariri na quinta” foi publicada na editoria Ceará, na página 11, canto superior direito. A notícia aborda a realização do I Encontro dos Índios Kariri, que discutiu temas como educação, territorialidade e políticas públicas.

3.1.24 Edição de 4 de setembro de 2008

Na seção Ceará, página 11, canto superior esquerdo, há uma notícia com título “Jogos indígenas começam amanhã”. Os jogos que acontecem na cidade de Monsenhor Tabosa, a 324 quilômetros de Fortaleza e reúnem cerca de 700 índios da varias etnias do Ceará. A notícia é um incentivo à divulgação da cultura indígena. Os jogos indígenas são realizados anualmente e representam uma das formas de dar visibilidade à cultura indígena. Há etapas estaduais e nacionais.

3.1.25 Edição de 21 de setembro de 2008

Na seção Brasil, página 16, uma reportagem assinada por Sandra Nagano tem título “Ocupação do litoral é empecilho para demarcação”. A reportagem trata do incentivo dado pelo governo estadual para a vinda de grandes empresas e projetos, muitas vezes em detrimento das comunidades tradicionais. O texto menciona que no Ceará, 12 etnias são reconhecidas oficialmente. O povo Pitaguary está entre elas e tem como maior dificuldade, para a demarcação da terra, as disputas fundiárias. O texto traz ainda, ao centro, um *box* em que são listadas as etnias indígenas do Ceará, onde elas estão localizadas territorialmente, a população e a situação da terra.

[>>] OS POVOS E A SITUAÇÃO DE SUAS TERRAS NO CEARÁ

1. TAPEBA
> **Município** Caucaia
> **População** 5.500 pessoas
> **Situação** Delimitada e identificada. Aguarda respostas às contestações

2. TREMEMBÉ
> **Municípios** Itarema, Acaraú e Itapipoca
> **População** 4.820 pessoas

3. PITAGUARY
> **Município** Maracanaú e Pacatuba
> **População** 2.800 pessoas
> **Situação** em processo de demarcação física

4. JENINPAPO-KANINDÉ
> **Município** Aquiraz
> **População:** 290 pessoas
> **Situação** delimitada e identificada, aguardando resposta às contestações

5. KANINDÉ
> **Município** Aratuba e Canindé
> **População** 700 pessoas
> **Situação** com visita preliminar, realizada pela Funai (2003/2004). Aguardando procedimentos iniciais de fundamentação antropológica

6. POTYGUARA/POTIGUARA
> **Municípios** Crateús, Monsenhor Tabosa, Novo Oriente e Tamboril
> **População** 1.000 pessoas
> **Situação** 1) Potyguara de Mundo Novo e Viração: realizado estudo de fundamentação, aguardando parecer; 2) Potiguara de Crateús e Novo Oriente: realizada visita preliminar pela Funai; 3) Potiguara Nazário, Monte Nebo e São José: ainda não estudadas pela Funai

7. TABAJARA
> **Municípios** Crateús, Mons. Tabosa, Poranga, Quiterianópolis, e Tamboril
> **Famílias** 550
> **Situação** com estudos preliminares feitos pela Funai

8. KALABAÇA
> **Municípios** Crateús e Poranga
> **Famílias** Poranga: 300; Crateús: sem dados
> **Situação** com estudos preliminares pela Funai

9. KARIRI
> **Município** Crateús
> **População** 60 pessoas
> **Situação** com visita preliminar realizada pela Funai

10. ANACÉ
> **Município** São Gonçalo do Amarante e Caucaia
> **População estimada** 1.270 pessoas
> **Famílias** 380
> **Situação da Terra Indígena** a ser identificada pela Funai

11. GAVIÃO
Município Monsenhor Tabosa
> **População estimada** 190 pessoas
> **Famílias** 20
> **Situação da Terra Indígena** com visita preliminar realizada pela Funai

12. TUPIBA-TAPUIA
> **Município** Monsenhor Tabosa
> **Famílias** 30
> **Situação da terra indígena** feito estudo de fundamentação, aguardando parecer

Fonte: Povos Indígenas no Ceará: organização, memória e luta. Memorial da Cultura Cearense, do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, 2007

Figura 5: Reprodução fac-símile do Box da página 16, da Edição de 21 de setembro de 2008 do jornal O Povo

3.1.26 Edição de 27 de setembro de 2008

O caderno Vida e Arte, em sua página 8, traz uma reportagem intitulada “O balaio de todo canto”. O autor é identificado como Henrique Araújo, “especial para O Povo”. O texto não trata especificamente da cultura ou das questões indígenas. Na realidade, a matéria tem como objeto a cultura popular e o IV Seminário de Arte e Educação, no qual os participantes tiveram a oportunidade de fazer parte de uma visita a aldeias Pitaguary (de Maracanaú) e Tapeba. O texto apenas cita as etnias.

3.1.27 Edição de 15 de outubro de 2008

Na seção Mundo, na página 36, uma das notícias tem título “Indígenas brasileiros levam luta pela terra ao Parlamento europeu”. Os prejuízos causados aos indígenas pelas mudanças de clima são discutidos. Muitos deles dependem dos

recursos que vem da terra. Os índios são das etnias Pankararu, Kariri-Xocó e Tubinambá da Bahia.

3.1.28 Edição de 19 de outubro de 2008

Na seção Brasil, página 36, no canto inferior direito, foi publicada notícia é "Índio acusa governo de dificultar o Google Earth". A matéria vem de uma agência de noticias e aborda a questão do desmatamento. Relata-se que o Governo Federal não esta cumprindo o acordo com uma tribo na Amazônia e esta dificultando a liberação de imagens por satélite das áreas que estão sendo desmatadas.

3.1.29 Edição de 30 de outubro de 2008

No caderno Viagem e Lazer, página 3, a reportagem de Regina Mamede (Agência SEBRAE) aborda a questão do turismo em aldeias. Fala sobre a possibilidade de hospedagem em aldeias do Acre, com direito a participação nas atividades diárias dos índios. Além disso, os turistas conhecem a região e sua história.

3.2 Apresentação em gráficos

Podemos perceber, ao fim da compilação das 29 matérias do ano de 2008, que a maioria delas é veiculada na seção Brasil, onde assuntos gerais são tratados. A segunda editoria onde mais aparecem matérias relacionadas às questões indígenas é a editoria Ceará, e depois a editoria Fortaleza, ambas tratam de assuntos mais específicos da região. Abaixo apresentamos um gráfico que mostra a distribuição percentual da quantidade de matérias por editorias, de acordo com o publicado pelo jornal O Povo em 2008:

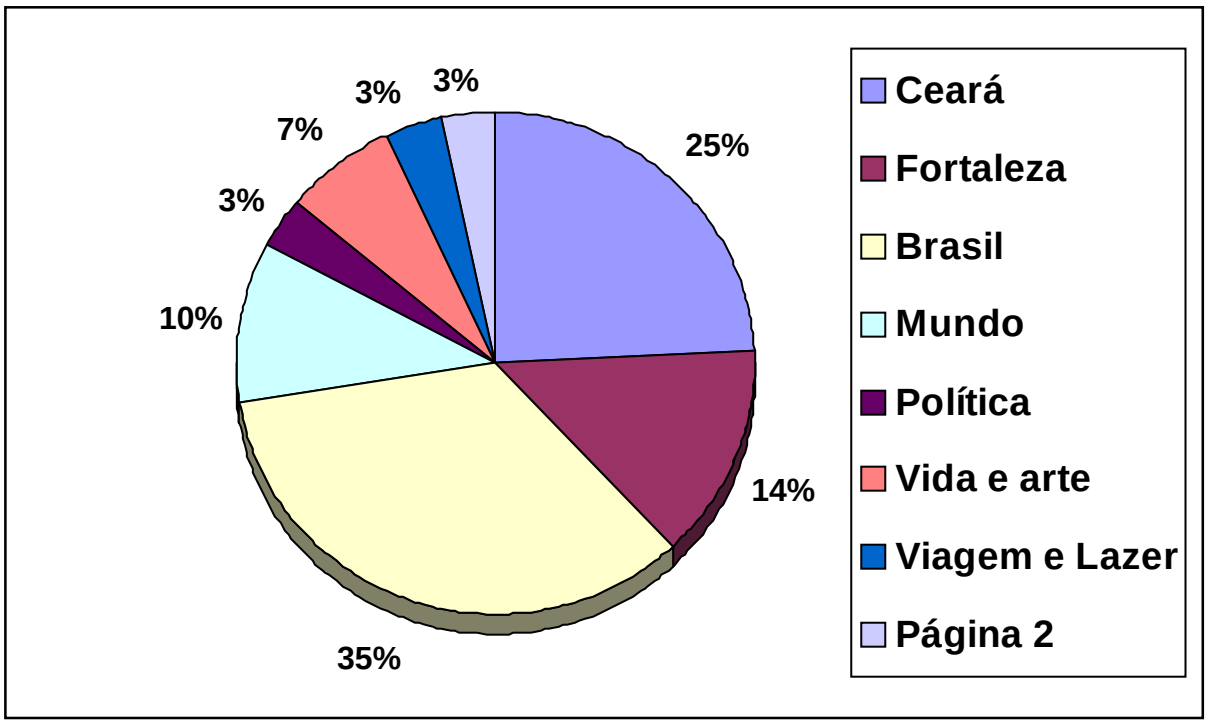

Figura 6: Distribuição das matérias por sessão/editorias

Já a figura 6, foi dividido pelas categorias que estão diretamente ligadas aos critérios de noticiabilidade como, proximidade, impacto dentre outros, como vimos com Erbolato no Capítulo II. O que podemos perceber é que as notícias atreladas a categoria Terra é de maior percentual 32% e a próxima temática é a de História do Povo Indígena com 25%.

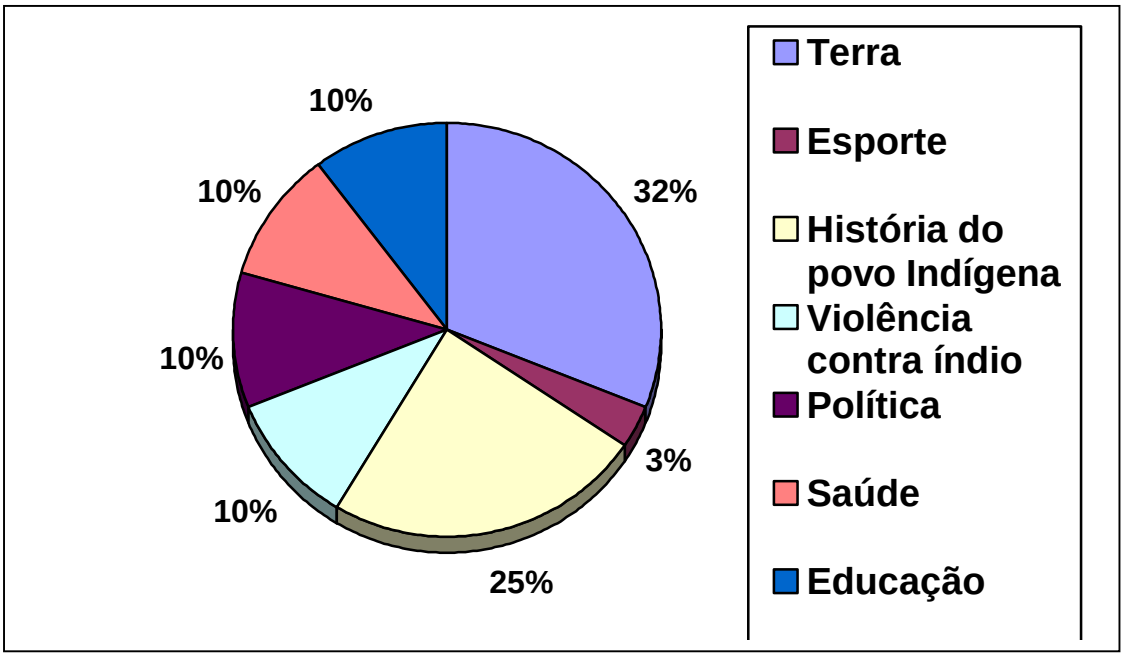

Figura 7: Distribuição das matérias por assunto

3.3 Interpretação de dados

Os dados coletados com as 29 matérias do jornal O Povo, indicam que a maior parte dos textos são notícias de interesse público, mas factuais. Outro ponto a ser percebido é que apenas uma das matérias é uma reportagem com dados suficientes para que o leitor possa entender o que envolve as questões indígenas. Percebe-se também que o povo Pitaguary é apresentado nas matérias como um dos elementos que complementam texto, nunca uma fonte principal ou mesmo o assunto da matéria. A fotografia é um outro elemento que pouco aparece nas matérias veiculadas durante o ano de 2008, pois de 29 matérias 13 trazem fotos e dessas apenas sete são de índios.

Também durante a compilação dos dados, outro ponto que podemos destacar é que em três meses, fevereiro, novembro e dezembro, não houve notícias sobre as questões indígenas ou mesmo sobre os próprios índios, sejam eles da etnia Pitaguary ou de outras etnias existentes no Ceará. Essa informação, levanta questionamentos, será nesse período não houve nem um fato que posse ser considerado como relevante para torna-se notícia? Será as questões indígenas antes citadas como a violência contra o índios, a educação indígenas ou a questão da terra durante esses meses, não foram levadas a diante pelo povo Pitaguary? Ou

mesmo pelos outros povos indígenas? O fato relevante é que o povo Pitaguary não parou de realizar suas atividades ou de lutar por seus direitos ou em busca de uma igualdade que deveria ser assegurada, já que termos uma divida de histórica com esses povos em relação aos seus direitos. Fazer com eles sejam ouvidos ou dar-lhes oportunidade de expressar esses sentimentos e reivindicações, seria uma forma de fazer com que os leitores do jornal e consequentemente a população fizesse parte da história do povo indígena do qual muitos de nós descendemos.

3.4 Como os índios Pitaguary se reconhecem nas notícias do Jornal O Povo

Em entrevista realizada na Aldeia Pitaguary entrevistamos com dois índios da aldeia que nos contaram sobre como se reconhecem nas matérias veiculadas no jornal O Povo durante o ano de 2008, são eles, Cacique Daniel e Francisco Carlos do Nascimento Moreira, Conselheiro Fiscal do Conselho Indígena Pitaguary (Coinpy). A entrevista com Cacique Daniel foi concedida em sua casa, no Santo Antonio do Pitaguary as margens do Açude Santo Antonio. Na parte da frente da casa, uma pequena cabana onde estão animais confeccionados com cipós, cascas de coco e raízes. Carlos Nascimento, que prefere ser chamado de Carlinhos, nos recebeu também em sua casa na mesma aldeia. As perguntas foram as mesmas para os dois entrevistados, segue a transcrição.

Entrevista com Cacique Francisco Daniel Araújo da Silva, 58 anos.
Dia 29.11.09

Pergunta 1: As reportagens que saem no jornal impresso são guardadas?
Resposta: “Muito difícil eles mandarem alguma coisa. Muitas vezes a gente que encontra por ai. A gente pergunta onde sai, pra ver se consegue.”

P 2: Com qual freqüência os jornalistas procuram vocês para entrevistas?
R: “Vários jornalistas vem aqui, mas mais repórter de televisão, por causa das lutas que a gente tem, sempre tem as filmagens pra televisão.”

P 3: Na maioria das vezes vocês são procurados para falar sobre que assuntos? Em geral qual o motivo dos jornalistas procurarem vocês?
R: “É mais sobre a demarcação da terra, educação, saúde”

P 4: Com que freqüência vocês procuram os jornalistas?
R: “Não, a gente num procura não.”

P 5: Como vocês acham que são retratados pelo jornal impresso?
R: “Eu acho que eles falam exatamente o que pesquisam, alunos vem muito aqui da faculdade, da escola e quando faz a pesquisa eles encontram a realidade da gente.”

Entrevista com Francisco Carlos do Nascimento Moreira, 41 anos – Membro Conselheiro Fiscal do Conselho Indígena Pitaguary (Coipy)
Dia: 29.11.09

Pergunta 1: As reportagens que saem no jornal impresso são guardadas?
Resposta: “Não, nem sempre a gente guarda. O pessoal vem, faz o vídeo, as filmagens, as reportagens e a maioria, praticamente todos desaparecem e a gente não tem como encontrar e nem recurso para ir atrás e a gente fica sem esse documentário, a verdade é a gente pouco tem esse documentário e se tem alguma coisa é muito pouco quem tem. Eu, aqui acolá, quem me pergunta alguma coisa eu peço pra se poder me dar um cópia, eu agradeço, porque ai eu vou repassando para as crianças, vou mostrando os adultos, enfim a gente vai fazendo o repasse do que tem.”

P 2: Com qual freqüência os jornalistas procuram vocês para entrevistas?
R: “Não muito, mas aqui, acolá, aparece um ou dois jornalistas. Agora a gente sempre toma o cuidado com questão do jornalista, aquele que vive atrás de furo de imagem ou de reportagem, aliás, por que tem muitas (coisas) que a gente não deixa que seja publicado, porque as vezes não traz coisas boa pra gente, porque quando mostra dá status a pessoas que a gente prefere que não dê. Quando alguém faz um benefício pra gente, alguma coisa de bom, a gente faz uma celebração, uma solenidade, mas o que a gente não gosta muito é que a pessoa esteja ganhando status em cima da gente, aquela coisa toda, fica fantasiando, conta coisa que não

aconteceu, tira fotos de coisas que não é pra tirar, então a gente tem todo um cuidado. Quando ele vem (jornalista) a gente pede pra procurar as lideranças e procurar dizer qual é o limite."

P 3: Os jornalistas já publicaram alguma informação que vocês não queriam que publicassem?
R: "Publicaram e distorcem o que a gente fala. Por que você sabe que hoje, a tecnologia ela tem grandes avanços e o cara com uma gravação ele pode fazer o que quiser."

P 4: Na maioria das vezes vocês são procurados para falar sobre que assuntos? Em geral qual o motivo dos jornalistas procurarem vocês?
R: "A última vez que veio foi a Francine da TV Record, ela foi autorizada. Ela veio para fazer um programa mostrando as belezas. Então ela procurou saber o que a gente gostava de comer, como era a nossa dança, os nossos cantos. Ela veio fazer uma reportagem que é uma coisa boa, veio mostrar de fato, o que nós temos de beleza. O programa fez como se fosse uma homenagem pra gente, passou as crianças dançando, o Toré, as comidas típicas que a gente ainda mantém, as bebidas como o Mocororó, a gente tomou com ela. Falamos da importância da fogueira, da maracá, do cocar, da mata, falamos de várias (coisas) e a última entrevista comigo foi essa. E veio outros com a Prefeitura que falava sobre o projeto de Horta, eu fiz também. E vem pouco até mesmo, porque é um pouco fechado mesmo."

P 5: Com que freqüência vocês procuram os jornalistas?
R: "Muito pouco, só se for uma ocasião assim, muito especial. Uma vez foi procurado por causa da questão da água, de retomada de alguma. E é também uma maneira de proteção porque, às vezes a gente pra luta com o branco pra retomada da terra e aí fica que a gente não é muito acreditado e o que acontece é que as lentes dá uma certa segurança, ela mostra coisas que de fato aconteceu e é bom pra quando a gente for perante a lei, as autoridades a gente uma forma de provar e se proteger. Mas a gente não procura a imprensa."

P 6: Como vocês acham que são retratos pelo jornal impresso?

R: “De um certo tempo pra cá eles repassam, antes é que era mais perigoso, mas agora, eles de fato, por a gente tomar esse cuidados eles não tem mais como eles publicarem o que a gente não disse. Sempre quando tem uma reportagem que vem, a gente pede ofício para as lideranças autorizarem e que conste no oficio declarado o que eles querem.“

3.5 Interpretação das entrevistas

Nas duas entrevistas, os índios entrevistados falam sobre a falta de um retorno sobre as matérias publicadas, pois eles não têm condições de buscar o material veiculado na mídia impressa. Outra questão citada em comum por eles foi a ausência de iniciativa dos índios em procurar a imprensa para divulgar atividades ou festejos.

Há pontos divergentes nas entrevistas. O cacique Daniel diz sentir-se muito a vontade para entrevistas, pois já está habituado a esse processo. Diferente de Carlinhos, que não gosta de conceder entrevistas e sente-se desconfiado com a presença dos jornalistas. Mesmo assim percebe-se em suas falas um maior conhecimento e compreensão do trabalho realizado pela mídia e do poder que ela exercer sobre a sociedade, no tocante do seu ponto de vista em relação a proteção do seu povo, caso as “lentes” estejam filmando ou fotografando como ele cita em determinado ponto da entrevista, além disso se utiliza de jargões jornalísticos como, “furo de reportagem”. Com isso demonstra que tem conhecimentos de alguns aspectos do funcionamento da imprensa e como ela é vista pela sociedade.

Carlinhos, ainda tem certos cuidados com quando o assunto é fazer com a aldeia apareça seja no jornal impresso ou televisão, pois ainda teme ser interpretado de forma incorreta.

Essas entrevistas, não têm pretensões de fazer um estudo profundo de recepção, são utilizadas neste trabalho cientifico para ilustrar como os índios se vêem na mídia impressa e pode servir também como um primeiro passo para um possível estudo mais aprofundado em uma futura pesquisa a esse respeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reportagens analisadas nos permitem perceber que a abordagem da questão indígena, esta diretamente ligada a acontecimentos factuais como observamos nas materiais veiculadas pelo jornal O Povo durante o ano de 2008. O povo Pitaguary em duas matérias, mas nem uma delas é voltada diretamente a essa etnia. Outro ponto importante que percebemos durante a compilação de dados é que existem meses como Fevereiro, Novembro e Dezembro nem uma matéria é veiculada sobre as questões indígenas ou mesmo sobre os próprios índios.

As matérias veiculadas durante o ano de 2008 somam 29, o que um número relativamente pequeno, mesmo sendo os índios da Aldeia Pitaguary de acesso mais restrito, que outras etnias como os Tapebas de Caucaia.

Os critérios de noticiabilidade já citados anteriormente, são bem empregados em relação às matéria veiculadas no jornal O Povo, pois em sua maioria são factuais, mas não obedecem o critério de interesse pessoal, interesse humano, importância.

Percebe-se nas entrevistas que estão descritas no terceiro capítulo, que a visão de como eles se vêem retratados é diferente, uma pelo fato dos entrevistados terem hierarquias diferenciada dentro da aldeia. Um deles é Caíque, um líder político, mais velho, com poder de decisão maior que o segundo entrevistado, que faz parte de um Conselho Indígena e necessita de um acordo entre os outros componentes do conselho. Nessa diferenças podemos destacar a consciência que o Carlinhos tem a respeito do poder da impressa em relação a sociedade e como ele tem consciência de como melhor utilizar os meios de comunicação. Tentamos chamar a atenção também para o fato de que durante três meses as questões indígenas não aparecem em nem um exemplar do jornal O Povo. Mas esses dois pontos merecem ser estudados separadamente e forma aprofundada, merecendo um estudo futuro a respeito desses assuntos.

Apesar de todas as dificuldades o povo Pitaguary vem traçando um caminho de luta pela terra, pela igualdade e reconhecimento de sua cultura e os jornais sejam eles de grande ou menor circulação, não podem deixar que uma pauta tão rica de informações, sobre nossa própria história fique invisível para a maior parte da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

FARIAS, José Airton de. História do Ceará. 2 ed. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007.

FOSCACHES, Nataly Guimarães. *O índio sob o foco da imprensa escrita: Uma análise da representação do indígena na imprensa escrita nacional (2005-2007.* In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. IX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 2008, Dourados. Anais eletrônicos... Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2008/resumos/R11-0130-1.pdf. Acesso em: 06.08.09

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. NÚCLEO DE APOIO LOCAL DO CEARÁ. Plano de aplicação Etnia Pitaguary – Exercício 2009. Fortaleza, 2009.

MONTENEGRO, João Alfredo. A imprensa no Ceará. In: CHAVES, Gilmar (Org.). *Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz*. Rio de Janeiro: Reulume Dumará / Fortaleza, CE: Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), 2002.

MORAIS, Kelanny Oliveira de. *A organização indígena no Ceará e o trabalho do CDPDH: a experiência com os índios Pitaguary.* João Pessoa, UFPB, 2004. 75p. Monografia de especialização. Universidade Federal da Paraíba, 2004.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 6 ed. São Paulo: Contexto,2006.o

PENA, Felipe. *1.000 perguntas: jornalismo*. Rio de Janeiro: Univrsidade Estácio de Sá, 2005.

RIBEIRO, Darcy. *O povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Francisco das Chagas. Et al. Estudo etnoecológico Terra Indígena Pitaguary (EETIP). Consultoria e Planejamento LTDA. Fortaleza, 2005.

SALGADO, José Ronaldo Aguiar. Ceará e mídia: anotações sobre a imprensa cearense. In: CARVALHO, Gilmar(Org.). *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

Sites:

www.funai.gov.br acesso em 21.09.09 às 23:19h

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.